

# As mulheres emigrantes e o tempo em *A Floresta em Bremerhaven*, de Olga Gonçalves

1. *A Floresta de Bremerhaven* parece ser simultaneamente um texto de ficção e um estudo sociológico. Há uma afirmação da narradora-autora em *Este Verão o Emigrante lá-bas*, de 1978, que talvez contribua para explicar esta simultaneidade dos dois aspectos, assim como para sugerir qual, dentre essas duas vertentes, terá sido para a autora o ponto de partida. A afirmação é esta:

Preciso de ficção para ver melhor a realidade<sup>1</sup>.

Surge assim o elemento ficcional como instrumento da penetração-compreensão da realidade que desafia a autora. E será esta a nossa óptica normal de «civilizados». Quando olhamos uma paisagem, descobrimos um Turner, muito mais do que vendo um Turner descobrimos a tempestade. Trata-se dum conceito que tem sido muito explorado pelos historiadores de arte. Ou ainda, e como diria Gaston Bachelard:

*L'espace saisi par l'imagination ne peut rester l'espace indifférent livré à la mesure et à la réflexion du géometre. Il est vécu<sup>2</sup>.*

Quer dizer, a ficção vai acordar, inquietar o real, que então deixa de ser apenas objectivo para se tornar vivido.

É *A Floresta em Bremerhaven*, por um lado, a ficção de uma mulher — narradora-autora — durante as suas férias (ficcionadas também?) no Verão de 1975, de 1 a 16 de Julho. Uma espécie de roteiro desse tempo: rota de 16 dias, dos quais 13 passados no mesmo lugar — Porto Covo —, com uma deslocação de 2 dias ao Algarve e a viagem de regresso a Lisboa no 16.º dia. Ou ainda uma espécie de «viagem na minha terra» à rebours. Ficção que consta da fala quase ininterrupta de várias personagens (num total de 11, mais algumas vozes), entre as quais ocupa lugar central um casal: Manuel e sua mulher, ambos de 40 anos e emigrantes regressados há um ano da Alemanha, em casa de quem a narradora fica instalada como hóspeda. As outras personagens são, em Porto Covo, uma senhora que a narradora encontra na praia, um pescador, uma francesa rodeada de outros franceses, um casal em vias de ocupar uma casa, um arquitecto veraneante e o dono da tabacaria local; no Algarve, um outro casal de emigrantes: Rosa e Arlindo e sua sobrinha Guida. Atravessa estas vozes o calor do Verão de

\* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> Lisboa, Moraes, 1978, p. 179.

<sup>2</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, Paris, 1957; Paris, PUF, 1961, p. 17.

1975, nelas emergindo, com mais ou menos gosto — conforme a classe social —, com mais ou menos revolta — segundo o sexo —, a energia e o clima revolucionário então presentes no povo.

No texto ouvem-se apenas as falas das personagens, numa hábil construção narrativa constituída toda pelo discurso directo. Esse discurso é fundamentalmente endereçado à narradora, num diálogo em que ficam subentendidas as suas perguntas e comentários:

A senhora havia de gostar de conhecê-lo. Sempre fica? Muito bem, vou buscar-lhe as malas<sup>3</sup>.

Que diz a senhora? Na água? Não senhora, isso o que deve de ser é das obras do porto de Sines<sup>4</sup>.

É portanto a narradora, ocultamente embora, a orientadora das falas, ou, pelo menos, é ela quem, pela sua presença, as desencadeia. Estamos perante o que se poderá chamar *estilo oral*, que supõe o diálogo com uma pessoa que fica fora do quadro narrativo<sup>5</sup>.

Para as personagens, a narradora é uma pessoa concreta — a hóspeda do casal de Porto Covo — com quem se relacionam. Para Manuel, além disso, a narradora representa ainda, quase diria, um interlocutor colectivo. Manuel queria fazer ouvir a sua voz, denunciar a opressão por que passou — uma espécie de «monólogo exterior» nesse gosto de ter voz e de poder usá-la, nesse prazer de fazer ouvir trabalhos e injustiças passados:

A senhora pergunte, pode perguntar que eu respondo, tenho quem me oiça. Até fico todo repatanado!<sup>6</sup>

Por seu lado, a mulher de Manuel conta também coisas da sua vida àquela sua acolhedora hóspeda que é a narradora. Para ambos fica a hipótese, depois de algum tempo de convivência, de que se trata de uma escritora que viria a escrever sobre as suas vidas:

E se fosse escritora de romances? Se ela estivesse cá e lhe desse na ideia de escrever a nossa vida?<sup>7</sup>

Perante esta ideia, Manuel fica entusiasmado:

Olha que até gostava que ela escrevesse! (...) Até me regalava que escrevesse, que dissesse tudo o que lhe contei dos lavradores, dos filhos dos lavradores, da soberba e da enganância dos pais e dos filhos dos lavradores! Filhos da mãe! (...) Aquela vergonha de não ser nada, aquela raiva de não ser como eles!<sup>8</sup>

E a hipótese parece ir-se confirmando, pois já na aldeia constou que a hóspeda de Manuel era escritora:

<sup>3</sup> Olga Gonçalves, *A Floresta em Bremerhaven*, 1975; Lisboa, Livraria Bertrand, 1980, p. 15.

<sup>4</sup> Id., *ibid.*, p. 33.

<sup>5</sup> Confrontar, por exemplo, *Grande Sertão, Veredas*, de Guimarães Rosa.

<sup>6</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 52.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 112.

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, pp. 112-113.

Anteontem disseram ao Manuel que a senhora que é escritora. (...) o que disseram é que a senhora que é só escritora de versos, que romances não escreve<sup>9</sup>. (...) não vejo em que é que lhe pudesse interessar estar assim a perder tempo com a gente, que as nossas passagens não dão pra versos. (...) Só se fosse. Olhe que não sei! Olhe que talvez pudesse fazer versos à floresta, (...) Era tão bonito lá, em Bremerhaven!<sup>10</sup>

O ponto de vista ao longo da narrativa é até certo ponto o de cada uma das personagens. Para usar a terminologia de Norman Friedman<sup>11</sup>, trata-se da utilização do «modo dramático», em que apenas se apresentam as falas das personagens. No entanto, em *A Floresta de Bremerhaven* é útil a distinção que Gérard Genette<sup>12</sup> faz entre o modo e a voz como elementos estruturantes do romance: a distinção entre quem vê e ouve, selecciona o que lhe interessa para o transcrever e recriar. «Quem fala» são directamente as personagens, usando unicamente do discurso directo, como já foi dito, sem que haja portanto quaisquer descrições introdutórias às suas falas, ou às situações em que se encontram.

*A Floresta em Bremerhaven* é também um texto de estudo sociológico. Nele é dada voz a camadas sociais portuguesas em geral silenciosas: o povo, os trabalhadores, que em directo contam as suas vidas. A intenção de Olga Gonçalves parece ser a de tornar conhecida a vida dessa parte da população, que, praticamente até então, só por intermediários é referida. Por isso a narradora assume o papel de entrevistadora que silencia a sua voz para que apenas se ouça a voz dos «entrevistados», voz essa que aparece numa transcrição exacta das suas falas, visto que os traços «ideoletais» e «socioletais» as situam claramente no lugar que ocupam na sociedade actual — sociedade em que se faz sentir a marca deixada pela emigração para a Europa. Este dar da palavra aos grupos que se querem revelar e estudar faz parte de um método utilizado pela sociologia, sobretudo nos anos 60: «a sociologia participada.» Exemplo do uso *ante literam* desse método é o romance de Oscar Lewis *The Children of Sanchez*. Nesse romance ouvimos subproletários da cidade do México falar directamente das suas vidas<sup>13</sup>, constituindo o livro um excelente material para estudo da realidade mexicana.

Oscar Lewis, diz-nos, utilizou o gravador para uma maior exactidão nas transcrições. E Olga Gonçalves, como construiu o seu texto? Terá sido como nos diz no romance a mulher de Manuel: batendo à máquina os discursos logo depois de ouvi-los?

Quando vim do tanque, ouvi a senhora a escrever à máquina. Voltei a sair, voltei a entrar, e ainda a senhora ao mesmo<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 120.

<sup>10</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 121-122.

<sup>11</sup> *Form and Meaning in Fiction*, Atenas, The University of Georgia Press, 1975, cap. 8, pp. 134-167.

<sup>12</sup> Gérard Genette, *Figures*, III, Paris, Seuil, 1972, p. 203.

<sup>13</sup> «The use of a technique whereby each member of the family tells his own life story in his own words. This approach gives us a cumulative, multifaced, panoramic view of each individual, of the family as a whole, and of many aspects of lower class mexican life.» (Oscar Lewis, *The Children of Sanchez*, Nova Iorque, Vintage Books, 1963, «Introduction», p. XI.)

<sup>14</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 36.

(...) a senhora, com o gosto que mostra em escrever, aquase que dava pra escritora<sup>15</sup>.

Será antes sobretudo ficção? Ou será a mistura indestrinçável dos dois elementos — uma transcrição ficcionada, portanto? Optamos, com David Mourão Ferreira, pela última hipótese. Diz o crítico que:

Há (...) dois diferentes estratos nos seus romances: um, que deriva do estudo dessa realidade circundante, e outro, que constitui um aproveitamento poético da referida realidade<sup>16</sup>.

Ao longo deste estudo vamos pois tomar *A Floresta em Bremerhaven* com estas duas dimensões interligadas, mas sem perder de vista o tema do tempo, que é o do nosso estudo.

2. O universo diegético de *A Floresta de Bremerhaven*, que se revela em 16 dias de presença da narradora no local de vida das personagens, envolve um espaço de tempo muito mais amplo. Abrange praticamente a vida toda das personagens centrais: Manuel e sua mulher, assim como momentos da vida das outras personagens, que vão contando também «passagens» da sua história. Essas «passagens» referem-se quer a um passado recente, quando emigrantes na Alemanha — passado doloroso que os levou a emigrar —, quer a um passado afastado, quando crianças e jovens em Porto Covo ou no Algarve; referem-se também a um presente — o Verão de 1975 — quando de regresso já ao torrão natal.

Estamos perante um texto em que o passado e o presente se entrelaçam continuamente no discurso. Qualquer situação actual é, para o casal que é centro do romance, evocadora de dois passados: o tempo anterior à emigração e o tempo de estada no estrangeiro. O presente torna-se um tempo de avaliação e de juízo das experiências tidas até então e o passado, pesado e opressivo, como que é libertado pelo presente: por um lado, pelo presente individual do casal — ambos regressados da Alemanha, com o dinheiro suficiente para comprarem aquilo que sonharam: uma casa em Porto Covo; por outro lado, o presente colectivo do país onde aconteceu o 25 de Abril, movimento libertador de um povo subjugado.

Dois marcos, pois, nos surgem no romance como divisores do tempo, duas datas reais — e talvez também míticas — a dividirem o tempo das personagens: o momento da emigração como data individual e o 25 de Abril como data colectiva.

Um e outro marco reais, porque estas personagens foram e vieram da Alemanha, porque a sociedade portuguesa, no seu conjunto, transitou de facto de um regime político para outro. Mas míticos sobretudo, pois os sonhos, as aspirações, as expectativas em ambas essas datas projectadas não passaram quase de fogo-fátuo que só leve e brevemente alterou as vidas: tanto a dos emigrantes regressados de fora, como as do povo depois da «revolução». Como adiante veremos, Manuel e sua mulher voltam da Alemanha a Porto Covo para uma vida sem dúvida mais desafogada, mas em quase tudo idêntica à que antes tinham vivido; e o povo, mesmo depois

---

<sup>15</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 66.

<sup>16</sup> Na contracapa do romance.

A própria disse-me não ter utilizado gravador: as conversas foram sendo guardadas na memória («tenho memória de elefante», afirmou), reproduzidas e transfiguradas simultaneamente.

do 25 de Abril — sinta-se embora mais livre e à vontade na terra —, vê ainda diferenças sociais, por exemplo, sem jeito de serem reduzidas. O povo censura Manuel no regresso: censuram-no por trabalhar (emigrante rico e ambicioso) e por não trabalhar (emigrante rico e preguiçoso).

A fotografia da capa da segunda edição de *A Floresta de Bremerhaven* reproduz o fulcro à volta do qual acontecem as conversas principais do romance. Um fulcro duplo: a casa de Porto Covo e a floresta de Bremerhaven. Ambas representam para este casal tudo o que na vida mais desejam: um espaço de liberdade, de paz, de contemplação; um espaço, afinal, para serem.

Que eu nasci pra me sentir livre (...) <sup>17</sup> (diz Manuel).

Que haverá coisa melhor que ver o r ? <sup>18</sup> (diz a mulher).

À semelhança desta fotografia — sobreposição da casa e da floresta —, poderá dizer-se que também a narrativa acontece num plano dual, na medida em que vai focando pares de contrastes e polaridades várias: as «oposições binárias» de que fala Luciana Stegagno Picchio <sup>19</sup>.

Fundamentalmente, encontramos duas oposições: a oposição *cá/lá* e a oposição *agora/antes*. O *cá* representando Portugal (o Alentejo, Porto Covo) e o *lá* representando a Alemanha (Bremerhaven). Depois, ao nível da superfície do texto, as oposições são mais numerosas e variadas: a casa actual (*cá*)/a casa fria (*lá*); o campo/ a fábrica; o mar/ a floresta; a fome/a abundância, etc.; oposições estas que nos permitiriam descrever como que duas vidas simétricas: a de Porto Covo e a de Bremerhaven, uma — a primeira —, colorida e quente; a outra, fria e a preto e branco.

Encontramos ainda um *agora* e um *antes*, em que o primeiro é o tempo da emigração, tempo do pós-25 de Abril e da vida livre do povo — em que é possível falar: tempo de ter casa própria e de ficar na terra <sup>20</sup>.

O *antes* é o tempo da emigração, tempo da ditadura salazarista e da opressão do povo — em que é preciso calar: tempo de não ter casa e de ter de partir.

No âmbito destes dois conjuntos básicos de oposições — espacial um, temporal o outro —, novas oposições se manifestam estruturando a visão que as personagens têm da realidade. Por exemplo, *cá* em Portugal, antes do 25 de Abril, são evocados opressores e oprimidos, crianças ricas e crianças pobres, casas grandes com quintas e casebres sem o espaço mínimo para sobreviver; e no pós-25 de Abril fala-se da burguesia possuidora de casas e do povo ocupante delas, das pessoas de Lisboa e das da província.

Também *lá* na Alemanha outros contrastes surgem: as mulheres portuguesas *versus* as estrangeiras: as espanholas — detestadas pelos Portugueses — *versus* as «jugoslávias» — por eles muito apreciadas. Estes são apenas alguns exemplos das muitas polaridades que estruturam a vida e o pensamento das personagens e a realidade de que falam — polaridades que estruturam portanto quase todas as conversas.

<sup>17</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 105.

<sup>18</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 122.

<sup>19</sup> Luciana Stegagno Picchio, «Oppositions binaires en littérature», in *Diogène*, n.º 99, Paris: Unesco/Galimard, 1977, pp. 3-26.

<sup>20</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 106.

Poderemos esquematicamente apresentar o seguinte quadro:

Cá, em Portugal	Lá, na Alemanha
<i>Oposições gerais</i>	
PORTUGAL	ALEMANHA
Porto Covo	Bremerhaven
O mar	A floresta
A nossa casa; os campos	Uma casa fria; a fábrica
Nós (os portugueses/os emigrantes)	Eles (os estrangeiros/os alemães)
As mulheres portuguesas	As mulheres estrangeiras

*Oposições que vão surgindo ao longo do discurso*

«(...) as (mulheres) portuguesas faz-lhe aquilo confusão» (p. 69).	«A estrangeira é diferente, fazem uma vida mais moderna (...)» (p. 69).
«A senhora não fuma (...)» (p. 65).	«(...) como aquelas mulheres no estrangeiro (...)» (p. 65).
«(...) este calor aqui (...)» (p. 75).	«(...) e o gelo lá na Alemanha!» (p. 75).
«(...) aqui só há uma mercearia pequena e um lugar (...)» (p. 39).	«Aquilo (na Alemanha) era grande, havia logo quatro ou cinco supermercados (...) Lá havia de tudo, boa comida (...)» (p. 39).
«(...) lembrava-me (...) desta terra sem barreiras» (pp. 70-71).	«Que na Alemanha também lá há terras amplas, mas não tivemos lá a nossa criação» (p. 71).
«(...) não consegui ajuntar um tostão na nossa terra (...)» (p. 20).	«(...) ao passo que na Alemanha (...) consegui dinheiro para comprar esta casa» (p. 20).
«(...) levo-o todo (o dinheiro) para casa» (p. 84).	«(...) lá fora as pessoas têm o dinheiro nos bancos (...)» (p. 84).
«(...) o pessoal de cá (...) pensa é no passeio» (p. 82).	«Lá tudo trabalha» (p. 82).

No universo mental dos ex-emigrantes há assim como que seis momentos no tempo, momentos que para eles funcionam como espaços — pontos de referência em que tudo enquadram: por um lado, fala-se do tempo em Portugal, nas suas terras, em contraste com o tempo na Alemanha, na zona em que trabalhavam — são os dois primeiros espaços. Por outro lado, cá em Portugal é sempre referido o tempo anterior à emigração, em contraste com o tempo posterior a ela — são o terceiro e o quarto espaços. E menciona-se ainda constantemente o tempo da infância e da juventude, que é a época da ditadura salazarista, anterior a 1974, em contraste com o período que se lhe segue, ou seja, o tempo pós-25 de Abril, e são o quinto e o sexto espaços. Todos os acontecimentos e situações se integram neste quadro de espaços de tempo, como num políptico temporal de seis faces.

## Cá, em Portugal

*Antes do 25 de Abril*

*Agora*

Tempo de ditadura	Tempo depois do 25 de Abril
Opressão do povo	Vida livre do povo
«Como a gente tinha preciso, calámo-nos. Tivemos que calar, senão mandavam-nos embora» (pp. 50-51).	«Agora já se pode falar alto!» (p. 52).

*Antes da emigração*

*Agora*

Ter de ir para o estrangeiro (p. 106).	Poder ficar na terra (p. 106).
A falta de casa na infância e juventude (p. 21).	A casa própria na terra (p. 13).
Os costumes antigos das mulheres (p. 65).	Os costumes actuais das mulheres portuguesas (pp. 65 e 119).

Verificamos também que, tanto no «antigamente» como no «agora», outros pares de oposições estão presentes:

*Antigamente*

«(...) eu andava com as calças deles tanto tempo que nem se conhecia o cós da primeira feitoria (...)» (p. 52).	«Os filhos dele, do lavrador, andavam com botas, bem calçados (...)» (p. 52).
«Dormia no palheiro, eram as palhas que me enxugavam» (p. 53).	«Os filhos dele (do lavrador-patrão) ficavam deitados (...)» (p. 53).
«(...) eu só tive azedas!» (p. 54).	«(...) eles só tiveram do bom (...)» (p. 54).
«Rebaixado que eu me sentia, rebaixado, que era sempre essa minha condição!» (p. 54).	«(...) eles pensavam que mandavam em tudo (p. 54)». «(...) ele pensava que era terra e sol e mar que era tudo dele» (p. 53).

*Agora*

Os que têm casa (p. 116).	Os que ocupam casas (pp. 110-112).
No Alentejo (p. 67).	Em Lisboa (p. 67).
«Os homens, aqui no Alentejo, são assim (...)» (p. 14).	«(...) para o Norte vão mais à igreja (...)» (p. 14).
Na aldeia fazem renda (p. 38).	«Na cidade não fazem renda (...)» (p. 38). «Eu na Alemanha também não fazia, o tempo não chegava» (p. 38).
«É alentejano, que nós temos esta fala diferente (...)» (p. 37).	«(...) da (fala) de Lisboa» (p. 37).
«Destas coisas sei eu que nasci junto a elas!» (p. 59).	«(...) talvez a gente da cidade não saiba (...)» (p. 58). «A senhora tem os jeitos lá da cidade» (p. 64).
Nós (os Alentejanos, o povo, etc.)	«Eles (os Lisboaetas, os do Norte, os do Sul, etc.)

Também no estrangeiro, na Alemanha, outros pares de oposições são continuamente referidos:

### Lá, na Alemanha

Os emigrantes, explorados «(...) aproveitam-se bem dos nossos braços (...)» (p. 85).	Os Alemães, exploradores «(...) os Alemães são uns grandes bandidos (...)» (p. 85).
As emigrantes portuguesas «As portuguesas faz-lhe aquilo confusão» (p. 85).	As emigrantes de outros países «A estrangeira é diferente, fazem uma vida mais moderna» (p. 85).
As espanholas «Raça malvada!» (p. 80).	As russas e as chinesas «A Rússia, sim, mulher de admirar. Alta, corpo bem feito (...) A Rússia e a chinesa» (P. 80).
As portuguesas (p. 69).	«As jugoslávias (...) São parecidas com as portuguesas, mas mais bem feitas de corpo» (p. 69).

*Lá e cá*, como advérbios de lugar referentes às oposições mencionadas, aparecem ao longo do livro aproximadamente 75 vezes (25 cá, 55 lá), num conjunto de 110 páginas<sup>21</sup>.

*Antes e agora* aparecem em muito menor número (talvez umas 10 ou 15 vezes), mas o baixo número não é significativo, dado que, mesmo sem o uso desses advérbios, a oposição passado/presente é constantemente explicada:

Ali, à direita, é milho. A terra foi lavrada. Fica lavrada, que prò ano semeiam trigo. *Aqui nesta estrada* trabalhei eu de sol a sol<sup>22</sup>.

A passagem a outro plano temporal faz-se pois sem introdução, na fluência da conversa.

Nestas oposições, *A Floresta em Bremerhaven* pode evocar o conhecido poema de Gonçalves Dias<sup>23</sup> em que a terra do exílio — Portugal — se opõe ao paraíso que é a terra brasileira, «Canção do exílio»:

*Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá,  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá  
(...)  
Minha terra tem primores  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá<sup>24</sup>.*

<sup>21</sup> Esta contagem de páginas exclui as que ficam entre 124 e 141 — uma vez que contêm a evocação-repetição de frases das páginas anteriores e a tradução de duas páginas escritas em francês.

<sup>22</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 50.

<sup>23</sup> O poema é citado por Luciana Stegagno Picchio, no contexto da análise de oposições binárias na literatura brasileira, p. 18. Cf. nota 19.

<sup>24</sup> Gonçalves Dias, «Canção do exílio», in *As Melhores Líricas Brasileiras*, selecção, prefácio notas de Alberto Serpa, Lisboa, Portugalí Editor, 1943, pp. 39-40.



Da mesma forma, este casal de ex-emigrantes, apesar do melhoramento económico conhecido no estrangeiro, apesar da beleza de outras terras visitadas em Portugal e de outras facilidades de vida vistas em cidades ou em casas de outros, por exemplo no Algarve, apesar de tudo isso — e tal como o poeta brasileiro, que a tudo prefere o canto do seu pássaro nas palmeiras do Brasil —, este casal prefere a sua casa «fresquinha» na terra onde nasceu e na Alemanha até semeia coentros para guardar vivo o sabor à terra. A minha terra da «Canção do exílio», de Gonçalves Dias, é para este casal Porto Covo e o Alentejo:

— Com isto é que eu me quero! Quanto não vale o Alentejo! (diz a mulher).

(...) Posso dizer que estou na minha terra! (diz Manuel)<sup>25</sup>.

3. A vida das personagens e a sua vivência do tempo articulam-se com o conjunto de oposições atrás citadas.

Como aparecem então neste contexto os tempos das mulheres?

A figura de mulher que domina a narrativa é a mulher de Manuel. Mulher sem nome, ou, melhor, mulher que poderá assumir muitos nomes, pelo que de universal como mulher representa. É ela a hospedeira da narradora, e logo desde o início da conversa — conversa de que, como já se disse, só ouvimos um monólogo — notámos um contínuo escoar de palavras quase ininterruptas. A vida toda é aparentemente derramada nos pormenores da casa e do quotidiano, um quotidiano concreto em que tudo tem importância, desde os pequenos trabalhos diários à atenção aos outros, à casa, às plantas, à horta, ao mar ... Quotidiano de que esta mulher descreve o óbvio como se de notícia se tratasse:

A senhora está a olhar pra esta sala? É grande, é, e tem esta mobília toda, e tão alta que quase chega ao tecto. (...) A cama é alta. É um leito<sup>26</sup>.

Quotidiano cuidadosamente urdido de mil pequenos gestos:

Está tudo limpo, está, dei cera em tudo, anda uma pessoa escalfada com trabalho<sup>27</sup>.

Lavei a roupa toda e fui ainda ao campo apanhar erva para os coelhos<sup>28</sup>.

(...) andei lambendo a casa toda a manhã. Muita canseira dá uma casa. Lembo, lembo, lembo todo o dia<sup>29</sup>.

Quotidiano centrado na casa:

Gosta da minha cozinha? Gosta desta cor? Pintou-a o meu marido a semana passada. (...) Apesar de tanta mobília, inda é da cozinha de que gosto mais<sup>30</sup>.

---

<sup>25</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 94.

<sup>26</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 13.

<sup>27</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 16.

<sup>28</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 36.

<sup>29</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 64.

<sup>30</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 16.

Quotidiano feito também da atenção às mais pequenas coisas, às mais leves reacções e necessidades das pessoas:

A senhora nota este cheiro? Já lhe ia a dizer<sup>31</sup>.

A senhora está calada, a senhora não diz o que lhe parece<sup>32</sup>. (...) esteja descansada que lhe abro a janela<sup>33</sup>.

Então gosta deste quarto? Bem me quis parecer que se encantou com a cama!<sup>34</sup>

— Posso entrar? Ouvi que a senhora deixou de escrever à máquina e pus água ao lume para lhe fazer chá. (...) A senhora quer que lhe traga umas fatiazinhas de pão para barrar com manteiga, (...) ? Olhe que a senhora precisa de comer, (...) <sup>35</sup>

Neste saco leva um repolho e vagens da nossa horta. (...) E um raminho de coentros. Eu sei, então não sei que a senhora gosta muito!<sup>36</sup>

Quotidiano ainda em que a observação do que é novo e diferente enche o tempo de surpresa e de prazer:

Alguém viu a senhora a falar com um homem na rua, um bocado abaixo do chafariz. Ah! Adivinhou! Fui eu, fui! Fui eu que vi! (...) Vi a senhora fora do carro logo a seguir a abalar daqui. Estava a falar com um senhor de cabelo branco, um cabelo grande. Fez-me lembrar os cabeludos lá na Alemanha! Mas era um senhor fino, era. Bem vi que era um senhor de Lisboa. Amigo da senhora? Bem vi a festa que fizeram! O que riam!<sup>37</sup>

Verificamos nesta mulher um gosto de viver, uma intensidade inteira, posta no momento que corre.

A estada no estrangeiro deixa, no entanto, no presente desta mulher marcas que frequentemente emergem. Habitar simplesmente Porto Covo, como dantes, deixou de lhe ser possível. Ela, mulher alentejana, conservando quase intacto o seu socioleto, pensa agora pondo constantemente em confronto dois espaços e dois tempos, ou seja, a vida de cá (da aldeia, de Pórtugal) e a vida de lá (da fábrica, da Alemanha), a vida de agora com a vida de antigamente; o seu presente saboreado está pois irremediavelmente alargado para além das fronteiras do aqui e do agora, sempre atravessado por um contraste ou uma comparação com experiências anteriores. Isto acontecia-lhe a cada passo na Alemanha, onde, por exemplo, perante o escuro dos dias recordava o sol do seu país:

Estranhámos tudo! Cheguei em Novembro e não vi sol! Não vi sol em Dezembro, em Janeiro, em Fevereiro, em Março. Só vi sol em Abril! O dia (...) sempre cinzento. Logo ali achei grande diferença<sup>38</sup>.

31 Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 13.

32 *Id.*, *ibid.*, p. 14.

33 *Id.*, *ibid.*, p. 14.

34 *Id.*, *ibid.*, p. 15.

35 *Id.*, *ibid.*, p. 35.

36 *Id.*, *ibid.*, p. 123.

37 *Id.*, *ibid.*, p. 49.

38 *Id.*, *ibid.*, p. 38.

E não recordava só o sol, mas também a terra:

(...) falavam (outro casal emigrante) tanto disso em Bremerhaven! Eles a falarem da Albufeira, nós a falamos aqui do Porto, era um não parar, sempre as mesmas conversas<sup>39</sup>.

Lembrávamo-nos do sítio. E eu (diz Manuel) lembrava-me deste mar, das rochas, desta terra sem barreiras<sup>40</sup>.

Também agora, de regresso a Porto Covo, o mesmo lhe acontece, porque a vida a cada instante lhe evoca a Alemanha, com saudades até de algumas coisas:

(...) eu não gostava da Alemanha, mas agora, às vezes, tenho saudades. É como que tenho assim saudades das lojas. Aquilo era grande, (...) <sup>41</sup>.

Mas as saudades são sobretudo da mata de Bremerhaven:

— Era bonito de ver!

— Era. E eram tantas árvores tão verdes, davam um ar puro quando a gente se via dentro daquilo. É que toda a gente podia gozar as árvores<sup>42</sup>.

A dureza do trabalho lá vivido era também recordado frequentemente:

Quando me lembro! Levantava-me às quatro e meia da manhã, era de noite, depois de me arranjar andava a pé perto de meia hora até à fábrica<sup>43</sup>.

As recordações contudo não dizem respeito só à Alemanha; também as modificações da vida actual são ponto de partida para pensar no passado anterior à emigração, no tempo da infância e da juventude:

— Lembras-te, Manuel? Ia lá a gente apanhar ramos para atizar o lume<sup>44</sup>.

Aqui nesta estrada trabalhei eu de sol a sol<sup>45</sup>.

Este permanente vaivém entre *cá e lá*, entre *agora e antes*, observámo-lo também em Manuel, com semelhante ou ainda maior força. A deslocação para a Alemanha e a necessária adaptação que lá fizeram trouxeram a ambos uma grande mobilidade mental no espaço e no tempo: existem sempre para eles dois ou mais termos de comparação das experiências por que passam. No entanto, numa atitude diferem fundamentalmente: em vez da serena assimilação do passado e do saborear gostoso do presente que encontramos na mulher, vemos em Manuel, pelo contrário, uma acesa revolta que nenhuma mudança conseguiu acalmar:

39 Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 94.

40 *Id.*, *ibid.*, pp. 70-71.

41 *Id.*, *ibid.*, p. 39.

42 *Id.*, *ibid.*, p. 44.

43 *Id.*, *ibid.*, pp. 38-39.

44 *Id.*, *ibid.*, p. 100.

45 *Id.*, *ibid.*, p. 50.

Não lhes perdoe nada (aos antigos patrões). Está tudo sempre cá dentro a moer<sup>46</sup>.

Isto aconteceu, lembro-me, se me lembro!<sup>47</sup>

Porque é que eu não me esquece? Porquê? Tira-mo da cabeça, mulher!<sup>48</sup>

Sempre a opressão sofrida no passado a acudir à memória e a desafiar outra coisa. Percorre pois o tempo de Manuel um vento de descontentamento. Manuel está dividido entre o cá de agora e o lá do passado. A sua voz é uma voz rebelde, de um claro amor pela justiça que não teve e para a qual vê agora alguma esperança no País. O que o levou a emigrar foi o sonho de possuir uma casa sua, mas sente-se hoje desadaptado, insatisfeito, quase se poderia dizer que perdeu as raízes, e queria partir de novo, agora para o Canadá.

Porque é que eu abalei da nossa terra (...) Por me ver tão arrastado, sem fé de me ver um dia com uma casa minha<sup>49</sup>.

Esse sonho realizou-se, mas Manuel permanece inquieto:

(...) a minha mulher não quis lá estar mais tempo. Que eu, por mim, tinha lá ficado<sup>50</sup>.

Sabe que às vezes me lembra de abalar prà Alemanha? De abalar, pronto, de ir outra vez prò estrangeiro. Não sei se estão a deixar sair homens prò Canadá<sup>51</sup>.

Mas diz também que não era fácil habituar-se ao trabalho lá fora:

A senhora está-me vendo a trabalhar em fabricos? Eu que nasci pròs trabalhos do campo, ali enjaulado como os porcos!<sup>52</sup>

A mulher, pelo contrário, com o sonho nas mãos — a sua casa em Porto Covo —, parece sentir que a vida se lhe cumpriu:

— Com isto é que eu me quero! Quanto não vale o Alentejo! (...) Se me vejo na minha casa tão fresquinha!<sup>53</sup>

No entanto, esta ligação à casa não significa, de nenhuma forma, um mero contentamento ao nível da «posse». Muito mais do que isso, a casa representa para esta mulher o seu ponto de ligação com o mundo. A casa estende-se à horta e a horta comunica com o universo:

---

<sup>46</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 59.

<sup>47</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 61.

<sup>48</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 115-116.

<sup>49</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 59.

<sup>50</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 70.

<sup>51</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 106.

<sup>52</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 105.

<sup>53</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 94.

(...) temos além a horta, e quando ali estou a vista alcança tudo e também espairose<sup>54</sup>.

Na Alemanha, em que da casa quase se não fala — sabemos apenas que é fria —<sup>55</sup>, há essa mata como espaço de abertura:

Era a coisa melhor que lá tínhamos, que o resto era só frio, só negro, só trabalho<sup>56</sup>.

Daí que a *floresta* (lá), à falta de outro lugar onde se sintam bem e comuniquem com a natureza, seja de certa forma a «casa possível»; e que a *casa* (cá), com a sua horta dando para o mar, seja talvez o coração da floresta; quer dizer: parecem ser os sítios — ambos — onde a serenidade e a contemplação acontecem. De alguma maneira, eles aparecem como os espaços do sonho, como o *locus amenus* desta mulher emigrante.

Outras vozes femininas são ouvidas ao longo do texto. Por exemplo, a de uma mulher não emigrante, mas que está em contacto com o estrangeiro — onde vive uma nora —, pertencente a uma classe abastada — frequenta hotel de cinco estrelas no Algarve<sup>57</sup> — e que, por isso, logo «trata» a narradora, que encontra na praia, por «você»:

Tenho estado a falar com você e a observá-los<sup>58</sup>.

Diferentemente da mulher de Manuel, que se lhe dirige por «minha senhora»<sup>59</sup>.

Revela-se na sua fala um total desprezo pelos emigrantes recém-enriquecidos:

(...) compraram casas. Não há que ter pena deles, qualquer dia têm mais do que nós<sup>60</sup>.

Mostra-se apenas preocupada com uma vida feita de exterioridades, atenta ao seu próprio corpo, que pretende durante o Verão emagrecer com hidromassagens no mar, atenta à sua pele, que pretende amaciar com cremes franceses trazidos de França pela nora<sup>61</sup>.

Em três páginas do discurso dirigido à narradora vemos unicamente uma ostentação de superficialidade epidérmica, um desmedido apreço por tudo o que vem do estrangeiro. Não manifesta outros cuidados a não ser — e estamos no Verão de 1975 — um ligeiro temor de que a Rádio Renascença saia da alçada da igreja católica:

Que pode ser uma nação sem a força da Igreja?<sup>62</sup>

---

54 Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 122.

55 *Id.*, *ibid.*, p. 38.

56 *Id.*, *ibid.*, p. 121.

57 *Id.*, *ibid.*, p. 31.

58 *Id.*, *ibid.*, p. 31.

59 *Id.*, *ibid.*, p. 13.

60 *Id.*, *ibid.*, p. 31.

61 *Id.*, *ibid.*, p. 29.

62 *Id.*, *ibid.*, p. 31.

Guida é outra das presenças femininas, esta duma geração mais nova, rapariga que a narradora encontra no Algarve em casa dos emigrantes que com Manuel e sua mulher vai visitar.

Guida esteve na Alemanha com seus pais. Foi ter com eles por não gostar de estar com sua avó e para juntar dinheiro para comprar roupa:

Gosto tanto de roupa! (...) Foi também o que me levou a ir para a Alemanha (...) <sup>63</sup>.

Regressou depois de uns meses, antes dos pais, com receio de que o namoro que deixara na terra se lhe perdesse. As suas falas, também dirigidas à narradora, contêm um mundo de interesses não muito distantes dos da senhora da praia de Porto Covo. Também nesta rapariga a influência do estrangeiro, do estilo de vida conhecido através da emigração, e com certeza também pelo turismo, se mostra com muito poder. Guida vive deslumbrada pela «posse» — posse de roupa de vestir e de peças para o enxoval:

(...) gosto muito de casa, de boa toalha, de bom lençol, de naperons. (...) só pares de calças tenho cinquenta. E tenho uns quarenta pares de sapatos (...) uma porção de robes condizentes com as camisas (...) Gosto tanto! <sup>64</sup>

Guida gosta das coisas de casa, mas esse seu gosto mais se aproxima da tendência para a «acumulação» e do prazer da posse que da atitude de concentração e de contemplação observada na mulher de Manuel, mulher que parece ser feliz na cozinha e na sua horta, donde olha o mar. Pelo contrário, Guida confessa ela própria a sua inclinação dispersiva:

(...) só me queria na rua <sup>65</sup>.

Tão-pouco tem paciência para aturar a avó, simplesmente porque a acha demasiado retrógrada:

(...) (a minha avó não é) nada moderna, era impossível viver com ela <sup>66</sup>.

Com a minha avó não, tenho pouca paciência para ela <sup>67</sup>.

O tempo de Guida dá a impressão de estar contaminado pelas sociedades de ostentação e de consumo. Tempo de contentamento superficial do «ter», de certa maneira novo numa camada de juventude portuguesa que esteve em contacto com o estrangeiro sobretudo pela emigração. Notório é o facto nas filhas de emigrantes, que, em contacto com essas sociedades de abundância, ficam como que encadeadas pelo seu brilho, fazendo seus hábitos de vida que começaram por admirar de fora. Pouco a pouco assimilam esse brilho e emagrecem, vestem-se, compram como a moda lhes diz. Guida emerge como exemplo dessa nova forma toda exterior de viver.

---

<sup>63</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 87.

<sup>64</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 88.

<sup>65</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 87.

<sup>66</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 88.

<sup>67</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 89.

Curiosamente, há nesta rapariga uma mistura de elementos vários: a imitação do que viu na Alemanha com o resíduo de normas e gostos bem típicos da sua aldeia algarvia. É evidente que nenhuma rapariga alemã estaria interessada em colecionar roupa para o enxoval, acumulando *naperons* ou «toalhas» ... Nem mesmo em possuir aquele supermercado de roupa de vestir, nada característico da juventude estrangeira. Guida representará portanto um fenómeno híbrido que a emigração facilitou pela necessidade de *ter muito* presente em quem não teve quase nada. Verificamos igualmente que permanecem nesta jovem alguns valores morais/tradicionais, valores totalmente esquecidos noutros países. Por exemplo, quando fala do seu namoro, Guida declara sem hesitação:

Nunca lhe consenti liberdades, disse sempre que havia de ir direita para o casamento<sup>68</sup>.

Ouvimos ainda duas outras vozes femininas, mas rápidas, quase monossilábicas, a de Rosa, em Albufeira, e a de uma francesa, cuja conversa — em francês — na praia de Porto Covo a narradora ouve e regista. Na francesa nota-se, além da preocupação de preparar a refeição e de congregar para o almoço família e amigos dispersos pela praia, uma atenção política; os operários contam-lhe a ela o que não dizem aos oficiais do MFA<sup>69</sup>; em Rosa, tão-só a presença silente, mas atenta e pronta aos pedidos do marido<sup>70</sup>, atitude considerada própria do comportamento feminino tradicional, deixando para o homem o uso da palavra.

Uma outra voz de mulher, que nunca ouvimos directamente, mas apenas através dos ecos dela noutras pessoas, é a mulher de Daniel, este também emigrante na Alemanha. Apesar de sempre ser referida como a «mulher do Daniel», ela é uma das personalidades mais fortes que surgem no texto. No ambiente tradicional da emigração, ela teve a coragem de dizer ao marido que «não o queria mais», de se divorciar e de ir viver com outro com quem «se encontrava bem»<sup>71</sup>. Trata-se duma mulher que enfrenta as situações e decide por si a sua vida: «Disse-mo cara a cara. Vi logo a mulher que era»<sup>72</sup>, comenta um dos emigrantes, depreciativo, é claro.

4. O tempo das mulheres e também o dos homens é pois neste romance um tempo de mudanças: mudança de lugar de experiência de vida, de hábitos e de costumes, ou seja, tempo de mudança moral, duma alteração profunda dos comportamentos. Trata-se, por conseguinte, dum tempo em que se «testam» as raízes: testam-se as relações primordiais, ou seja, a relação homem/mulher, a relação com a terra e com a casa ... Testam-se também os valores e os comportamentos. Nesta prova há os que mudam totalmente, cortando com o passado e deixando de lado os valores recebidos na infância; e há os que, mudando embora em muita coisa, mantêm através de tudo as raízes bem mergulhadas na terra.

Em quase todas as mulheres que perpassam na narrativa — emigrantes ou não, adultas ou jovens, contando entre elas as que apenas são mencionadas pelas personagens —, o desenraizamento parece ser geral.

---

<sup>68</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 89.

<sup>69</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 48.

<sup>70</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 75-76.

<sup>71</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 78.

<sup>72</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 78.

«O estrangeiro» tornou-se modelo, como que o padrão de vida que desejam viver.

Vida em que a importância do consumo se dilata e se torna um fim em si mesmo e em que uma crescente desvalorização de tradições e de valores vai ser substituída por uma atitude predominantemente mimética, toda eivada de superficialidade e de artificialismo.

Enfim, o «padrão» estrangeiro não parece ter conduzido, nestas personagens, a um progresso e a uma realização humana, mas, pelo contrário, a uma integração, ao menos de desejo, na exterioridade das sociedades da abundância. No âmbito deste mimetismo observamos o divórcio, que passa a tornar-se familiar: o segundo casamento com alguém doutro país, que acontecia no estrangeiro, veio agora também contagiar os portugueses emigrantes do Alentejo ou doutro sítio. Em conversa entre os casais de emigrantes, a que a narradora assiste, contam-se histórias de separações e de novos casamentos entre companheiros de emigração, de costumes muito mais livres do que os até então conhecidos em meio rural português:

(...) e as jugoslávias? (...)

— Ora! Alguém viu os homens delas importarem-se? É assim, minha senhora, uma jugoslávia diz ao homem: «Amanhã vou dormir com aquele», e para ele é igual. (...) Quem percebe aqueles homens?<sup>73</sup>

— Pobre Daniel! (...) Então sempre veio a desvorciar-se?<sup>74</sup>

(...) (a mulher dele) me respondera que fumava, porque é que não havia de fumar?<sup>75</sup>

(...) o que é preciso agora é que ela case com o alemão. Sabe que parece que se vão casar?

(...) Ah!, o Daniell! (...)

— Sabem que mais? Ele também já aí vem a grega. Parece que também vão tratar de casamento.

— O quê? A grega com quem o Daniel andava?<sup>76</sup>

No entanto, com estes dois casais — o algarvio e especialmente o alentejano — não acontece assim. Eles, sim, mudam também; porém, nessa mudança quase não são tocadas as raízes. Pelo contrário, a elas permanecem fiéis, sobretudo as mulheres. Manuel, por exemplo, depois de encontrar tantas mulheres de diversos países continua a dizer sem qualquer hesitação:

Que mulher mais boa que a minha não há em todo o Porto Covo. Ou, sei lá, em toda a volta do mundo!<sup>77</sup>

Uma mulher há-de ser só dum homem<sup>78</sup>.

---

<sup>73</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 80.

<sup>74</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 77.

<sup>75</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 78.

<sup>76</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 79.

<sup>77</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 106.

<sup>78</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 72.



E sua mulher, depois de conhecer outras terras fora e dentro do País, continua a exclamar:

— Com isto é que eu me quero! Quanto não vale o Alentejo!<sup>79</sup>

Mudam, mas é no alargamento de referências que o viver noutra país e o conhecer de outras gentes lhes permitem. Vemos o à-vontade com que Manuel fala dos pescadores russos<sup>80</sup> que foram seus companheiros de trabalho e como tem opinião sobre as várias nacionalidades que conheceu: distingue as mulheres chinesas e russas das espanholas e jugolavas; assim como sua mulher aprecia a organização dos Alemães no trabalho da fábrica, por exemplo. Quer dizer, houve um alargamento de horizontes, uma transformação na dimensão do seu conhecimento do mundo.

5. É significativo ver que, no meio destas transformações, há elementos constantes nos interesses das mulheres e nos dos homens que se mantêm como parâmetros na mudança acabada de mencionar. Assim, por exemplo, ao compararem o cá e o lá, as mulheres referem preferencialmente a casa, as lojas, os supermercados, as roupas, as comidas, a natureza; enquanto os homens falam de mulheres, tipo de trabalho, companheiros de trabalho, exploração, vida política, natureza. Manuel todos os dias vai escutar as notícias:

É o Manuel. Vem do café, de ouvir o noticiário. Têm lá uma televisão grande!<sup>81</sup>

Foi também ele que na Alemanha ouviu falar de Hitler:

Os velhos do tempo do Hitel é que eram beras (...) É bom que desapareça tudo do tempo do Hitel!<sup>82</sup>

O tempo dos homens é pois mais voltado para fora, para a vida social, para os acontecimentos políticos. Até o pescador em Porto Covo, no seu brevíssimo encontro com a narradora, comenta:

Bem contente estou de inda hoje ser vivo, de ter conhecimento do 25 de Abril!<sup>83</sup>

O homem parece mais facilmente preferir um espaço fora de casa. A casa — tão importante — é afinal sobretudo o ponto seguro para as múltiplas saídas para o exterior. Assim o diz Arlindo, ex-emigrante em Albufeira:

(...) nem que tivesse no banco três dobros do que lá tenho, nem que tivesse esta casa toda caiada a ouro deixava de ir prò mar!<sup>84</sup>

---

<sup>79</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 94.

<sup>80</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 81.

<sup>81</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 16.

<sup>82</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 71.

<sup>83</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 34.

<sup>84</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 84.

A mulher de Manuel, como vimos, gosta mais do que tudo de estar em casa, na sua cozinha:

Gosta da minha cozinha? (...) inda é da cozinha de que gosto mais. Não é só ser alegre e ter muitos armários. É que gosto, sinto-me bem nela<sup>85</sup>.

Foi também a mulher quem preferiu regressar da Alemanha<sup>86</sup>; na sua casa, com a horta donde olha o mar, ela sente-se feliz. Dentro do espaço limitado onde a sua vida se cumpre, ela recorda todas as coisas, «lembra-se» constantemente<sup>87</sup> e pensa no que viveu cuidando com ternura do presente. Tudo a invade ao mesmo tempo e a sua vida, feita de pequenos nadas, parece transbordar de felicidade. O seu discurso revela essa multiplicidade da atenção; é um discurso a cada passo interrompido, mas de que ela nunca perde o fio: porque não há realmente um fio que ela queira seguir, mas são os instantes que em si próprios constituem o fio da existência.

O homem, pelo contrário, sêgue um trilho de conversa, sem o passo saltitado da mulher, e curioso é que, uma vez interrompido na sua fala, «perde o fio à meada» e não consegue prosseguir:

— (Ele) (...) Não olhamos de ser dado, mas que nos fizessem um preço que pudéssemos ir pagando.

— (Ela) Não espantes a borboleta (...) É a senhora que vai ter uma carta!

— (Ele) Que ia eu dizendo?

— (Ela) Oh, homem, estavas falando no terreno da mata (...) <sup>88</sup>

A mulher:

Trabalhei também na mesma fábrica de peixe (...) Durante três anos. Vou aquecer-lhe água pra se lavar. Pus uma bacia grande de plástico no quarto de banho<sup>89</sup>.

Que o povo por fim concordou, achou que se gostávamos um do outro. Mena! Anda pra dentro, que estás constipada!<sup>90</sup>

O tempo feminino não é uniforme na *Floresta em Bremerhaven*. A dimensão contemplativa que encontrámos na mulher de Porto Covo — «Que haverá coisa melhor que ver o mar?»<sup>91</sup> —, presente, aliás, em Manuel também:

(...) era analfabeto, mas olhe que ouvia romper as raízes das ervas dez metros abaixo do chão<sup>92</sup>.

Essa dimensão parece perdida noutras mulheres da mesma geração e da geração seguinte, mas não é possível agora referi-lo. É uma dimensão da

---

<sup>85</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 16.

<sup>86</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 70.

<sup>87</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 38, 43, 49, 50, 91, 100, 118, 121, etc.

<sup>88</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 45.

<sup>89</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 26.

<sup>90</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 37.

<sup>91</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 122.

<sup>92</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 55.

vida que fica abafada pelo dinheiro, dissipada no consumo, ofuscada pelo brilho das sociedades da abundância. O tempo da mulher de Porto Covo surge assim como um tempo de exceção: um tempo a que poderemos chamar de continuidade, de contemplação, de interioridade no saboroso viver quotidiano — um tempo de raízes.

Nas outras mulheres vemos, contrariamente, um tempo de exterioridade, de superficialidade, de ruptura, de atordoamento — um tempo de brilho exterior. A mulher de Manuel, mulher quotidiana, mulher essencial, mulher sem nome — apesar de personagem central —, vive um tempo que é bem *seu*, e nisso faz lembrar *Le Jardin de Hyacinthe*, de Henri Bosco, onde a vida quotidiana de Sidonie, a criada da casa, filtra também uma qualidade interior de intensidade e alegria:

*Elle croyait aux promesses de la vie: «La vie», affirmait-elle, «ne nous a pas été donnée pour rien.» Aussi elle lavait, brossait, balayait, époussetait, écurait, astiquait, avec une entière confiance. «Quand tout luit», disait-elle encore, «on est heureux.»<sup>93</sup>*

Em oposição às outras mulheres que se ouvem ou são referidas em *A Floresta em Bremerhaven*, a mulher de Porto Covo, através do que viu e viveu, em vez de se esvaziar, enriqueceu-se. Em vez de dispersar a sua vida na imitação de ritmos alheios, ela nunca desloca o seu próprio centro e não perde o seu próprio ritmo:

Que eu cá por mim, temos além a horta, e quando ali estou a vista alcança tudo e também espairose. Que haverá coisa melhor que ver o mar?<sup>94</sup>

O nome desta mulher alentejana poderia ser, tal como para Sidonie, Marta e Maria ao mesmo tempo<sup>95</sup>. Ou talvez o seu nome não exista ainda e seja um nome que ainda se há-de pôr — inventado no futuro — quando as raízes que a alimentam derem flor e fruto no País ...

---

<sup>93</sup> Henri Bosco, *Le Jardin de Hyacinthe*, Paris, Gallimard, 1946, p. 81.

<sup>94</sup> Olga Gonçalves, *op. cit.*, p. 122.

<sup>95</sup> Henri Bosco, *op. cit.*, p. 209.